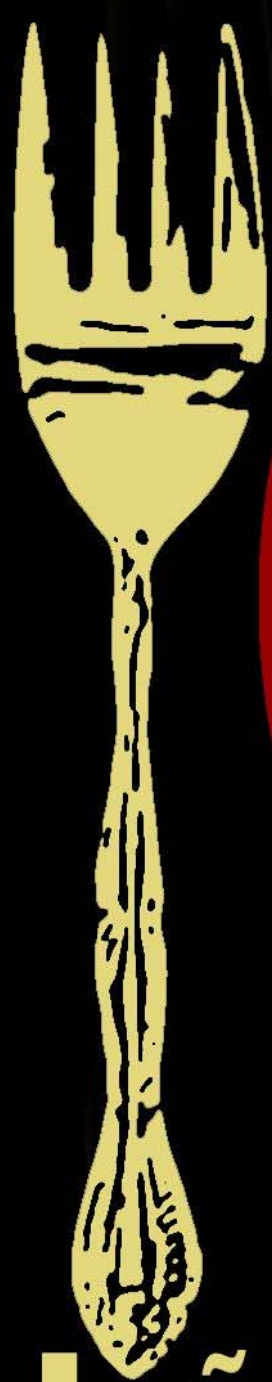




Steaks Barbares



João Seixas



Título: Steaks barbares

Autor: João Seixas

Capa: Gabriel Bozano / Jorge Candeias

Revisão: Jorge Candeias

Publicado originalmente em: Contos Inéditos, Diário de Notícias
(1996)

Outras publicações: E-nigma Light (2001)

Os e-books editados pelo E-nigma são publicados por acordo com os seus autores e o *copyright* permanece na posse do autor. A reprodução destes e-books é livre se e só se o texto se mantiver inalterado e sob a forma original deste PDF, e na medida em que não haja aproveitamento comercial. A cópia, aluguer ou qualquer outra transacção destas publicações a troco de dinheiro está expressamente proibida.

Editor: E-nigma (www.ficcao.online.pt/E-nigma) / Jorge Candeias

Edição n.º: NE-3/2005

Ajude o E-nigma a oferecer-lhe cada vez mais e melhor literatura fantástica. Veja como em
www.ficcao.online.pt/E-nigma

Sente-se, por favor. Já que se entregou a essa empresa de me procurar por todo o mundo, o mínimo que posso fazer é oferecer-lhe a minha hospitalidade. Embora não aprove essa sua louca demanda, é impossível deixar de me sentir lisonjeado.

Ao mesmo tempo, penso eu, ajudar-me-á a acrescentar mais uma nota a uma pergunta que, no meu espírito, permanece por responder: o que é que leva um homem a abandonar o seu lar, a sua vida e aqueles a quem pertence, a fim de calcorrear o mundo como um nómada urbano, um naufrago das grandes cidades?

Também se coloca essa questão, não é assim? Penso que é inevitável. E compraz-me saber que também nisso somos semelhantes. Talvez os últimos de uma espécie rara, como aquelas que alguns animais não cessam de perseguir.

Acredito, porém, que me poderá dar uma resposta, ainda que necessariamente incompleta, visto que o seu objectivo era bem definido. Encontrar-me! E não é de ânimo leve que uma pessoa da sua responsabilidade — posso vê-lo pela forma como se senta: autoritária, porém afável; amável, no entanto habituado a ser obedecido — atravessa uma selva como esta, onde as constantes cortinas de mosquitos não são a maior das ameaças. É, portanto, um homem decidido e precavido.

E então porquê... Porquê esta jornada?

Oh, desculpe se me rio. Mas surpreende-me e ao mesmo tempo deixa-me embevecido. Veio então para me ouvir, para ouvir a minha história!

Fosse outra pessoa e mandá-lo-ia de volta para a selva. Os seus olhos, porém, dizem-me que fala a sério. Isso intriga-me. Que pode ter de interessante a minha história?

Como!?! Maravilha-me com as suas palavras. Tornei-me, então, uma lenda no continente? Um mito que convém ser rapidamente dissipado; não queremos uma nova religião, não é verdade? Brinco consigo. Não me leve a mal. Não é todos os

dias que posso falar com um compatriota, e ainda menos com alguém que eu antevejo como um igual. E não me sirvo do termo no seu sentido moral ou social, não. Refiro-me a um igual num plano separado das vicissitudes terrenas, deste velho chão que nos atrai de uma tal forma, que no final nos engolfa como uma mãe carinhosa. Está surpreso? É natural. Mais tarde, porém, me compreenderá. Isto se o meu juízo acerca da sua pessoa estiver correcto.

Quer então ouvir a minha história? Terei todo o prazer em lha contar, visto não estar em presença de um pobre de espírito, de um fraco que vacilaria às primeiras palavras.

Concorda comigo quando afirmo que não há nada pior que um pobre de espírito. Essas criaturas incapazes de sustentar a sua personalidade em alicerces estruturados. São como pequenas velas num mar revolto. Pautam-se pelos ventos da conveniência. Mas deixemos estas diatribes.

É pela minha história que os seus ouvidos anseiam.

Deixe-me, porém, oferecer-lhe de comer. Não seria um bom anfitrião se o não fizesse. O ar quente da selva abre o apetite, bem o sei. Acredite, já cheguei a ver uma boa-constrictor a comer-se a ela própria, num anel escamoso de estranha ironia.

Comer é uma arte, e como prólogo à minha história, permita que lhe diga que é a mais nobre actividade do homem. É verdadeiramente aquela que o separa dos outros animais. Talvez ache exagerado que lhe diga que o prestígio de um imperador se mede pelo tamanho da sua mesa e da variedade dos pratos que ela comporta. Mas será desnecessário dizer-lhe que o sucesso de muitas empreitadas diplomáticas se deve à arte de servir os mais requintados pratos.

Também por isso, a elevação de um espírito se mede por aquilo que ele come. Não se deixe iludir pela estatura económica de alguém. Conheci donos de grandes fortunas que comiam como campesinos, e lavradores que comiam como iluminados. Sem dúvida, estes elevam-se, pois o espírito precisa de ser alimentado, nutrido.

Vejo que não me leva a sério e que as minhas palavras fazem vacilar a imagem que tinha construído de mim.

Rapidamente se transforma um mito num lunático, não é assim? Um Kurtz transforma-se rapidamente num barão de Munchausen, tal como um messias se

transforma num filósofo economista. Se quer conhecer a minha história, porém, terá que aceitar esta ideia, pois o que me levou a este ostracismo auto-imposto foi precisamente aquilo que como.

Mas não nos precipitemos. Quero, não obstante, que saiba de antemão que me encontro aqui devido à minha especial situação face à humanidade. Pode dizer que foi a minha conduta que me trouxe aqui, a minha incapacidade de voltar a enfrentar os meus semelhantes. Sorri! Oh!, mas não pense que sou alguma espécie de juiz-penitente como advogava o personagem de Camus. Não, nada disso. Na realidade, inclinar-me-ia mais para a posição de juiz que para a de penitente. Na minha grande auto-estima sou hipocritamente modesto. Não desejo ser filósofo. Não pretendo espalhar as minhas ideias pelas massas. Apenas àqueles poucos capazes de me compreender.

Ah!, mas eis que chega a comida. Sente-se já o seu perfumado aroma no ar. Respire fundo. Leve-o às suas entranhas. Eis um perfume verdadeiramente elevante.

Tem fome? Ótimo. Comê-lo-á sem ser por condescendência cortês, degustá-lo-á como um verdadeiro *gourmet*. Devo preveni-lo que estranhará inicialmente o paladar. É, não obstante, um prato cuidadosamente confeccionado. Provará uma carne como, posso prometer-lho, muito poucos o fizeram. Oh, mas para quê maçá-lo? Eis que o tem à sua frente. Essas finas fatias de carne rosada. *Filet Mignon*? Não, não. É uma iguaria superior. Vá, prove!

Não se ofenda, sorrio da sua expressão porque me revejo nela, quando estive no seu lugar. Isso recorda-me que veio aqui para ouvir a minha história.

Pois bem. Se veio à minha procura, presumo que conhece algo sobre mim. Espero não parecer pretensioso. A verdade é que cheguei a escrever alguns livros. Nada de importante, porém: dois sobre gastronomia e uns tantos de culinária. Tudo muito convencional, não duvide. Nada de *best-sellers*. Apenas uma ocupação que me permitia explorar a minha vocação.

A verdade é que, desde criança, sou um aficcionado pela comida. Sim, sim, como Dalí, nota bem, mas infelizmente não tão genial. Mas também não era essa a minha pretensão. Não pretendia ser conhecido, por isso me surpreende este súbito interesse pela minha pessoa.

Acredite ou não, o maior desejo da minha vida era muito simples: comer! Oh sim, comer! Comer o mais possível. Atravessar a vida como uma barriga bem nutrida. Ser, na arte gastronómica, o que Dalí é na pintura. Oh, o ansiado apogeu: ter provado todos os pratos existentes. E olhe que provei alguns bem estranhos. Parece incompreensível, não é assim? Mas é verdade. Passo seis horas por dia a comer. No entanto, sou magro. É endémico.

Mas disperso-me de novo. Maço-o? Ainda bem. Vou então continuar. Espero que esteja a gostar da comida...

Uma textura estranha, a da carne? Um pouco, sim... Para conseguir o seu melhor paladar necessita de alguns molhos polinésios. Recomendo o dessa segunda tigela à sua esquerda. Sim, cor de salmão.

Mas voltemos à minha história.

A minha saga — pareço imodesto? — bem, a minha aventura se assim o prefere, começou quando preparava o meu terceiro livro. Mencionei dois. Não lhe menti. Nunca publiquei o terceiro. Seria verdadeiramente a minha "Condição Humana", Malraux que me perdoe; não tenho o seu engenho literário. Mas o mundo ainda não está preparado para ele. Penso que nunca ouviu falar de um livro de gastronomia subversivo, não é verdade?

Enfim. Na altura era um frequentador assíduo de um pequeno restaurante na ilha da Madeira. Pertencia a um simpático alemão e estava situado numa magnífica encosta esmeralda que mergulhava no mar azul, sussurrante. Ali, sob o céu limpo de nuvens, satisfazia o apetite, enquanto lia e escrevinhava algumas linhas de rascunho.

O alemão tinha sido marinheiro e viajara por todo o mundo. Conhecia um caleidoscópio inumerável de pratos que o estômago europeu, habituado à carne tenra e à batata cozida, não toleraria com facilidade, e os quais me preparava com vivo prazer e grande amabilidade.

Na altura questionava-me sobre o gosto. Sabe com certeza que a nossa língua distingue apenas quatro sabores, os quais são maravilhosamente activados pelo cheiro. Foi, com toda a certeza, esse facto que levou os nossos antepassados a cozinhar os alimentos.

Mas desvio-me mais uma vez da história, desta vez com uma aborrecida

demonstração de sapiência. Mas faz tanto tempo que não falo com ninguém, que tenho tendência a exceder-me.

Seja como for, numa dessas maravilhosas tardes de sol, entre o rumorejar das águas e a fresca brisa do mar, folheava deleitado o "L'Homnivore" do Claude Fischler, — não leu? É pena — quando me deparei com o seguinte facto, nua e cruamente impresso nas páginas alvas: 250g de térmites africanas são mais nutritivas do que a mesma quantidade de carne. Insectos *versus* vacas! Porque é que, então, o homem prefere a carne? O argumento evolutivo não é válido, pois os nossos antepassados lemurídeos eram insectívoros e poucos dos primatas superiores são carnívoros.

Porquê, então?

Essa questão, por si só, não seria suficiente para me lançar na minha expedição gastronómica. Não sorria. Falo a sério. Eu era um arqueólogo dos nutrientes, um filósofo dos sabores. Enfim, e gracejando um pouco, os molhos eram os meus únicos imperativos éticos e estéticos.

Mas essa dúvida, aliada à progressiva exaustão das receitas do jovial hussardo, foi determinante.

Como deve calcular, uma pessoa capaz de comer como eu, não tem grandes limitações financeiras. Isso permitiu-me partir à aventura. Tinha que conquistar novos sabores. Alimentar a minha alma europeia com os exóticos pratos do mundo.

E aqui tem a razão porque abandonei tudo o que tinha. Tal como se deu ao trabalho de me procurar, eu parti em busca de novos sabores. Obedecia ao supremo prazer de comer.

E, a propósito, vejo que mastiga mais alegremente. O sabor parece ter mudado, não é verdade? É normal. Ao fim de algumas garfadas o paladar habitua-se. Continua um pouco dura? Não se trata de carne muito gorda, embora se possa preparar de forma mais tenra. Mas deixa-me extremamente feliz verificar que gosta. Ainda se vai tornar um viciado dessa carne, caso contrário não teria justificado a sua vinda aqui. O que, inevitavelmente, me faz retomar a minha narrativa.

Porque, acredite, sou eu próprio um viciado nesse peculiar petisco. Mas não saltemos etapas importantes da evolução do paladar. Não poderá apreciar

completamente o delicado sabor dessa carne se não conhecer a sua mística.

Lancei-me, pois, na senda aventureira dos sabores. E, creia-me, para um espírito caracterizado por uma quase patológica curiosidade infantil, como era o meu, foi uma experiência apenas comparável com a da criança que descobre um novo brinquedo.

Comprei um bilhete no primeiro vapor que partia para a América do Sul. Percorri-a de uma ponta a outra, dos picos gelados do Estreito de Magalhães ao delta lamacento do Orenoco. Daí, para as ilhas do Pacífico, que me serviram de ponte para o exotismo extremo-oriental.

Não o vou sobrecarregar com fúteis descrições paisagísticas que lhe devem ser por demais familiares. Vejo-o íntimo da literatura de viagens e conhecedor de alguns recantos deste nosso pequeno globo rochoso. Conseguiu inclusivamente encontrar este obscuro coração do nada. Limitar-me-ei, por isso a dizer-lhe — e peço mais uma vez que me creia — que tive perante mim os mais estranhos pratos que a sempre prodigiosa imaginação humana pôde conceber.

Não quero, porém, deixá-lo no patamar da dúvida que leio nos seus olhos. Não, não negue!

Vou deixá-lo entrever a variedade infindável que me foi dada a conhecer.

Em Barranquilla, que se situa, como bem sabe, no Norte da Colômbia, pude degustar um delicado acepipe, o qual seria impensável pedir em qualquer restaurante de Paris. Olhar-me-iam como um selvagem e, no entanto, perderiam um delicado e inigualável sabor. Tratava-se de um feto de papagaio a poucos dias do choco. Servem-lho como se se tratasse de um ovo, o qual o meu amigo tem de abrir pelo meio, removendo cuidadosamente a fina casca. Uma vez feito isso, depara-se-nos um mundo sanguinolentamente pantagruélico. A gema dourada que se espera naturalmente encontrar foi já toda consumida pelo pequeno papagaio e, tudo o que surge aos nossos olhos, é a massa protomórfica do feto, ainda por definir.

A sua estrutura óssea é quase indefinida e tem uma consistência semelhante à espinha da sardinha. Acompanhado de um delicioso *banyuls* comem-se três ou quatro em ininterrupta sucessão. O seu sabor? É indescritível, uma vez que não lhe posso traçar um paralelo comparativo com qualquer prato tradicional. Mas pareço-me já com um dos meus livros. Peço-lhe que me perdoe estes pequenos devaneios.

Afianço-lhe, porém, correndo o risco de ferir os seus sentimentos religiosos, que me soube como o corpo de Cristo, ferrar os dentes nos músculos macios, ainda por enrijecer.

Espero não estar a ser desagradável. Ao fim e ao cabo, está a comer. Não? Já terminou? Não lhe vou pedir já a sua opinião. É um sabor que precisa ser pensado. É caracteristicamente inclassificável. Não sabe a nada de conhecido e simultaneamente recorda-nos algo familiar, não é assim? Pois creia-me, é esse o verdadeiro sabor da boa comida.

Em Bangkok, pude provar pénis de *buffalo* asiático. É verdade, ouviu correctamente. Pénis de *buffalo*. Abstraindo das inevitáveis associações sexuais é um interessante prato culinário. Talvez não saiba, mas esse apêndice mede, no *buffalo*, cerca de 60 cm e é caracterizado por uma consistência semelhante à de um tronco de palmeira jovem.

Para se comer adequadamente, é necessário que se cozinhe em fogo lento durante vários dias. O seu paladar não seria suficiente para justificar a espera, mas como terá de compreender, o mais importante no que comemos não é o sabor, mas a delicada interacção do prato em si, com os nossos padrões sociais. Com a nossa filosofia pessoal e com a nossa vivência. E isso sim, merece ser provado!

Mas filósofo de novo. Desvio-me do rumo da minha história, que foi afinal o que o trouxe até mim.

Pois bem. Durante quatro anos e meio, percorri o mundo, provando as maiores excentricidades e acrescentando milhares de notas manuscritas para o meu livro. Contactei, na Ásia e na África, com povos estritamente insectívoros, o que vinha a dar total razão ao prof. Fischler.

Mas, o mais surpreendente na minha expedição aventureira foi, sem dúvida, o inevitável resultado a que cheguei. Li e reli, vezes sem conta, os meus apontamentos e, quisesse seguir a linha de pensamento que fosse — biológica, filosófica, antropológica ou estritamente gastronómica — a mesma conclusão ali estava, inabalável como um dogma. E eu sou um homem que não gosta de dogmas.

Mas que conclusão era essa? É assustadoramente simples. Diria mesmo, estupidamente simples. Mas não dizia Freud que o homem gosta de complicar tudo

aquilo que lhe parece óbvio? Trata-se de um medo irracional que grande parte dos membros da nossa espécie nutrem pela verdade. Uma autêntica neofobia, da qual poucos se ousam libertar.

Acredite quando lhe digo que qualquer pessoa lá chegaria sem ter que perder quatro anos sentado em frente a milhares de mesas. Basta raciocinar em termos analíticos. O facto é cruamente, este: tudo o que nós comemos desde pequenos, que estamos habituados a encontrar todos os dias à nossa frente quando nos sentámos para almoçar, e que tomamos como universais, encontram-se em vergonhosa minoria, e não são mais que meros subprodutos culturais. Não é possível pedir um *Cordon Bleu* entre os Masai. Os esquimós não comem batatas. Na china, carne de cão é um prato tradicional.

Sim, sim. Observa bem. É certo que as diferenças se esbatem com o intercâmbio cultural. O estômago universaliza-se. Mas isso não responde à pergunta que se encontra sempre por detrás da evidência.

O que é que leva determinado povo a comer determinado prato? Não se deixe enganar pela resposta fácil da disponibilidade e da necessidade. Embora a disponibilidade se alargue de dia para dia, a necessidade nunca teve nada a ver com isso.

Os nativos do lago Vitória, apesar de florescentes agricultores, comem bolos de mosca sem terem necessidade de o fazer. E nós, em França, comemos carne de cavalo quando dispomos de iguarias incomparavelmente superiores.

Ah, vejo que atinge o meu ponto de vista! Não me enganava quando diagnosticava em si uma inteligência invulgar.

Mas, uma vez formulada a pergunta, urge encontrar a resposta.

Isso ocupou-me nos dois anos seguintes. É verdade. De tão evidente, iludiu-me durante mais dois anos. Por fim, quando a alcancei e escrevi o capítulo final do meu livro — que jamais poderei apagar — vi-me obrigado, por mim próprio, é certo, a recolher-me a este retiro verdadeiramente cenacular.

Mas desordeno-me novamente na narrativa. Trata-se, afinal, do seu culminar apoteótico que, estou seguro, não lhe permitirá ficar indiferente.

Existe uma tribo, na então África Equatorial Francesa, os Oka, com os quais

convivi durante dois meses. Já ouviu falar? Vejo que a sua cultura iguala a sua inteligência. É o ouvinte ideal. Combina esses dois atributos com uma saudável curiosidade. Não posso deixar de notar, porém, que não me leva de todo a sério.

Não o levo a mal. Simpatizo consigo e, de alguma forma, lamento ver-me obrigado a alterar completamente a sua existência. Sorri. Não me dá crédito. Vê-me, realmente, como um Kurtz perdido nos seus devaneios. Conrad sentir-se-ia realizado se me conhecesse, não é isso que pensa? E, no entanto, quer ouvir o *grand final*. Não o desiludirei, já que me ouviu com tanta paciência e atenção.

Pois bem. Entre os Oka, é bastante apreciada a carne do gorila, o qual eles caçam de forma notável. E observe que faço uso deste adjectivo com grande ponderação. E isso, porque os nativos se preparam para a caçada do gorila, da mesma forma como se preparam para a guerra. Não me perderei em detalhes. Salientar-lhe-ei apenas que fiquei convencido, como Du Chaillu — que os estudou exaustivamente — que os Oka nutrem um ódio visceral pelos gorilas, os quais são caçados com inaudita ferocidade.

Não raramente, matam mais gorilas do que aqueles que seriam necessários para alimentar toda a aldeia. Cheguei a ver, num incrível paroxismo de violência, três caçadores a massacrarem o cadáver de um gorila adulto, com lanças, paus, pedras e toda e qualquer arma que no momento consigam improvisar.

Como imagina, pude provar a carne de gorila, em grossos bifés de uma coloração vermelho-vivo que tanto estimula os nossos sentidos. A carne do gorila é dura e não é de todo agradável. Estes indígenas poderiam facilmente caçar outros animais de carne mais tenra e saborosa. No entanto, quando comi a carne que me ofereceram, compreendi porque é que os Oka a elegeram como seu prato principal; porque é que os atacam com tanto ódio e porque é que algumas tribos, na Ásia, África e América do Sul, caçam ocasionalmente alguns macacos.

Vejo, pelo seu silêncio, que já compreendeu. Sim, é isso, é exactamente isso! Trata-se da forma. Trata-se do patente antropomorfismo dos macacos. Chame-lhe canibalismo redireccionado, se preferir. Percebe agora o lhe disse há pouco.

Não é o gosto da carne que os leva a comer o gorila. É o poder que sentem por comer algo com forma humana. Algo de muito semelhante se passou em Java e em

Samatra e no Bornéu quando se proibiu aos indígenas o seu macabro desporto de caçar cabeças. Quem pagou naturalmente, por via do nefasto destino que aproximou o seu corpo do nosso, foram os *ourang-outans*.

Sim, sim. Oh, creia-me que compreendo perfeitamente a sua repugnância pelos factos que lhe revelei. Trata-se realmente de uma daquelas patologias da natureza que gostaríamos de poder encerrar na grande arca do aberrante desconhecido e mantê-las aí sepultadas para todo o sempre.

Mas o simples facto de ficar repugnado demonstra que se apercebeu dos inabaláveis alicerces sobre os quais se apoia a história que tem tido a paciência de ouvir. E eis-nos chegados à inevitável conclusão que certamente os seus ouvidos temem ouvir. Receia ter descoberto que por vezes é melhor mantermo-nos na nossa corriqueira vida diária do que descobrir determinadas verdades.

Lamento se sou indelicado e apresento-lhe as minhas desculpas por isso. Receio ter subestimado a sua sensibilidade, mas ao mesmo tempo retraio-me perante o que me resta para lhe contar.

Ah!, um homem destemido! Não me enganava. A sua curiosidade dignifica-o, o seu interesse enriquece-o.

Mas continuemos então. Creio que depois desta revelação, não lhe é difícil calcular qual o passo com que transpus a linha que me separa da humanidade.

Estremece. Não quer acreditar. Mas sim, é verdade. Compreende que não lhe direi nem onde nem como. Apenas lhe posso dizer que se tratou de um alucinante desmoronar da educação tipicamente ocidental que recebi. Mas, simultaneamente, foi o desabrochar de uma nova perspectiva do mundo e do homem, capaz de abalar a sanidade de qualquer existencialista.

Tornei-me, portanto, antropófago. Repugno-o? Calculei que sim. Infelizmente, no delírio em que me perdi, de novas experiências, não encontrei nunca um sabor tão sublime como o da carne de crianças de tenra idade.

É demais para si? Deixá-lo-ei digerir o que, imagino, para si sejam abjectas revelações. Não era esta a história que procurava. Uma história mais poética, mais digna de ser publicada nas páginas de um vespertino europeu, talvez? Uma história susceptível de ser acompanhada por dois bolos e um café? Nada de “este é o meu

corpo, este é o meu sangue, tomai e comei todos”?

Lamento desiludi-lo.

Mas vejo que reage já às minhas palavras. Não errei também, quando lhe diagnostiquei um espírito forte.

Neste momento colocou-me na categoria das mais abjectas criaturas de Deus, ao lado dos violadores e dos assassinos. Ignora porém — e ainda bem, pois a vida ser-lhe-ia insuportável se o soubesse — que são muitos os que se entregam aos prazeres neófagos em todo o mundo. Mesmo no coração da Europa civilizada.

Oh, não. Mais do que um clube, somos uma sociedade. Ou, se preferir, uma subespécie dentro do *Homo sapiens*.

Não me crê? Pois eu próprio conheço um presidente e três ministros que o fazem. Bem como um ou dois secretários de Estado, com quem, creio, tem o prazer de privar.

Mas ainda bem que se mantém racional e encara friamente todos os seus temores.

Responder-lhe-ei com todo o gosto.

Na realidade, não é difícil obter crianças para os nossos fins, pese a delicadeza do facto de que a idade ideal da criança não dever ultrapassar os seis meses. O mercado de bebés, por muito que o surpreenda, é um comércio muito florescente. A vida nestas décadas conturbadas é muito difícil.

Mas a isso, acresce a beleza de ser feito à luz do dia, uma vez que existem pessoas em vários pontos-chaves do poder. Não duvido, inclusive, que o meu amigo já tenha presenciado o transporte de vários bebés. Ao fim e ao cabo, quem é que não se deparou alguma vez com um camião do lixo parado alta madrugada junto de contentores vazios, e cujos serventes olham de forma estranha as almas vagabundas que com eles se cruzam?

Ou quem é que, esperando numa estação, não viu já um comboio, as mais das vezes apenas com um vagão de mercadorias, que passa sem parar, sem fazer soar a buzina estridente? Passam sempre na linha mais afastada da plataforma de embarque, sem luzes e sem abrandar, cortando o ar fresco da noite com o matraquear das suas rodas de aço nos carris.

Oh, sim! Somos mais do que os que poderá alguma vez imaginar. Mais do que alguém poderá imaginar.

Cala-se. Não se atreve a colocar a pergunta que leio nos seus olhos. A pergunta que toda a gente se põe. Sim, essa: A que é que sabe?

Teme a resposta. Antevê-a intimamente. Sim é verdade!

Vomita? A bílis ferve no seu estômago! É perfeitamente normal. O mesmo sucedeu comigo, antes de me aperceber do sabor delicioso da carne de criança. Do sabor a poder sobre os outros. O sabor a liberdade. Liberdade de cadeias morais, de grilhões sociais.... a liberdade de um mundo à parte.

Chora. Em breve se aperceberá do delicado sabor que marcou indelevelmente o seu paladar. Uma vez encetado é impossível parar. É um sabor que corrompe, que nos prende nas suas malhas, que nos alimenta e se alimenta de nós. Já o sente, não é verdade?

Corra. Sim, corra! Corra para sob o sol — para o qual não voltará a olhar da mesma forma. Corra para entre as árvores, cuja sombra jamais será a mesma. Corra até se cansar.

Depois, será um novo amanhã! Um amanhã entre dois mundos.

O Autor fala sobre a obra

Desde que li *The Great and Secret Show* (1992) de Clive Barker que me fascina a ideia — retomada incontáveis vezes, em incontáveis obras — da co-existência entre realidades distintas no nosso quotidiano. Tal como em *The Wolfen* (Strieber, 1978), onde uma antiga raça de lobisomens convive com a humanidade sem que esta se aperceba, a análise do correio perdido, nunca entregue, deixado à deriva por falta de remetente, por ignorância, por incúria, conta uma história subterrânea, sinistramente distinta daquela que "constrói" a nossa realidade.

Steaks Barbares foi a minha primeira tentativa de escrever algo de semelhante. Escrito em três pachorrentas tardes de Verão em 1995, na esplanada do Café Girassol — uma construção de 1922, de estrutura circular, completamente vidrada, sob a copa das tílias verdejantes do Jardim Municipal de Viana do Castelo — reflecte os pequenos pormenores da vida nocturna de uma pequena cidade em que nada acontece... aparentemente.

Que se passe numa África ucrónica parece contradizer a sua origem urbana, mas na realidade confessa apenas a evocação nostálgica de uma imagem colonial que pouco tem a ver com a realidade.

O conto foi escrito para o tema "Petiscos" do *DN Jovem*. O tamanho tornou impeditiva a sua publicação, mas não a atribuição de um primeiro prémio. Depois de uma conversa telefónica com o Manuel Dias, em que discutimos as possibilidades de cortar o conto, o DNJ acabou por não ser publicado na data prevista, o que gosto de pensar se deveu às dificuldades de escolher a medida adequada.

Em 1996 concorri com ele ao Concurso Jovens Criadores, sendo um dos 10 seleccionados.

O conto reflecte ainda algumas das minhas leituras desse Verão. *La Chute*, de Camus (cujo estilo resolvi experimentar), *La Condition Humaine* de Malraux. Depois, já depois do conto terminado, passaria a ler *Needful Things*, do King.

O tema de *Steaks Barbares*, e a sua estrutura, são um reflexo dos meus gostos pessoais e 6 anos depois de o ter escrito apercebo-me de que, inconscientemente, teci

uma narrativa em que os uno a todos: literatura de viagens, as fotografias de Joel Peter Wittkin, a etologia e a antropologia, o exotismo do Continente Negro (da África de Burroughs e Haggard)... e sobretudo o desejo de descobrir que existem áreas sombrias no nosso planeta onde ser Humano ainda não quer dizer nada.

João Seixas, Novembro de 2001